

AS SOCIABILIDADES RELIGIOSAS TERESINENSES NO INÍCIO DO SÉCULO XX

FRANSUEL LIMA DE BARROS¹

RESUMO: O objetivo deste artigo é analisar as sociabilidades teresinense do início do século XX vinculadas às práticas do catolicismo. Dentre essas, destacaremos o Festejo Mariano, o Festejo do Sagrado Coração de Jesus e o Reisado. O principal meio de acesso a essas diversões, foi através das crônicas publicadas nos jornais locais, pois são elas aquilo que há de mais singular e de mais cotidiano de uma época. Os cronistas, ao se aventurarem pelas trilhas da escrita, compartilham com os leitores suas apreensões e desejos, projetam uma realidade cotidiana de forma subjetiva e, por meio de uma linguagem do dia a dia, referem-se de forma direta ao leitor “comum”, a fim de informá-lo, entretê-lo e fazê-lo pensar a respeito do tempo presente. O resultado das análises revela uma população ainda muito ligada ao tradicionalismo, o que se faz necessário entender, que mesmo diante do surgimento de um discurso civilizador e de novas formas de lazer moderno, não há uma ruptura com as vivências tradicionais.

PALAVRAS-CHAVE: Teresina. Sociabilidades. Tradição

ABSTRACT: The aim of this article is to analyze how teresinense sociabilities of the early XX century linked to the practices of Catholicism. Among these, we will highlight the Marian celebration, the celebration of the Sacred Heart of Jesus and the Reisado. The main means of accessing these diversions was through the chronicles published in the local newspapers, because they are what is the most singular and the most representative of an era. The writers project an everyday reality of a subjective manner and through the quotidian language, they refer to an objective way to “any” reader in order to inform, to entertain and make him to think in relation to the present time. The result of analysis reveals a population still closely linked to traditionalism, which makes it necessary to understand that even in the face of the emergence of a civilizing discourse and new forms of modern leisure, there is no rupture with traditional experiences.

KEY WORDS: Teresina. Sociabilidades. Tradition.

¹ Mestre em História pelo Programa de Pós-Graduação em História do Brasil da Universidade Federal do Piauí. Professor Substituto da Universidade Estadual do Piauí, campus Possidônio Queiroz e Professor/Tutor à distância CEAD-UFPI. Email: fransuellima@hotmail.com.

Introdução

O presente estudo reportar-se-á à análise das sociabilidades ligadas ao universo “tradicional” da cidade de Teresina de 1900-1930. O conceito de sociabilidade é entendido na perspectiva de Jean Baechler², a partir do qual se procurou entender como os teresinenses usavam o seu tempo livre, ou seja, fora de suas obrigações profissionais, familiares e sociais. Quais os espaços frequentados para se divertir, recrear, pois, segundo o sociólogo, a sociabilidade deixa de lado assuntos sérios e valoriza o bate-papo, a conversação. Todavia, não é intenção deste trabalho fazer classificações fechadas sobre as formas de lazer, porquanto nada impede a concomitância dessas diversões. Mas, antes de adentrar nas principais formas de divertimentos “tradicionalistas” do início do século XX, é interessante entender a discussão em torno do conceito de tradição.

A ideia de tradição remete a um conjunto de práticas e valores enraizado nos costumes de uma sociedade, que continua a ser aceito e atuante no presente. Tem a função de preservar costumes e práticas que já demonstraram ser eficazes no passado. Para Weber, os comportamentos tradicionais são compreendidos como atitudes que os indivíduos tomam em grupo e são orientadas pelo hábito, pela noção de que sempre foi assim. Ou seja, o indivíduo não pensa nas razões e motivos de seu comportamento, sendo, pois, uma forma de “dominação voluntária”, uma maneira de se influenciar o comportamento e hábitos de outros homens.³

No início do século XX, no Brasil, o discurso de civilização⁴ das cidades, amparos no ideal de desenvolvimento e progresso, fez com que diversas diversões tradicionais ficassem em segundo plano diante de novas formas de lazer. Nesse sentido, as tradições vão sendo desqualificadas perante uma sociedade individualista e industrializada, dando lugar a uma rotina cada vez mais preenchida pela ciência e pela técnica. É válido salientar que existia um projeto civilizador em curso, e que cada cidade vive essa transição ao seu ritmo. A intensidade do processo é diretamente proporcional à intensidade da inserção da urbe nesse mundo moderno. Teresina, por exemplo, era uma região periférica e muitos dos avanços tecnológicos foram chegando à capital aos poucos e de forma tardia, convivendo a população

² BAECHLER, J. Grupos e sociabilidades. In: BOUDON, R. *Tratado de sociologia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2010. p. 73-83.

³ SILVA, K. V.; SILVA M. H. *Dicionário de Conceitos Históricos*. São Paulo: Contexto, 2006, p. 1.

⁴ O termo civilização “refere-se a uma grande variedade de fatos: ao nível da tecnologia, ao tipo de maneiras, ao desenvolvimento dos conhecimentos científicos, às ideias religiosas e aos costumes”. Ver ELIAS, N. *O processo civilizador: uma história dos costumes*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990, p. 23.

ainda com fortes raízes tradicionais. Ou seja, era forte a tradição na cidade devido à frágil inserção nas relações capitalistas.

As crônicas aqui analisadas mostram a cidade em sua pluralidade, em suas diversas formas de vivências no começo do século XX. Através dessas fontes serão mostradas como práticas de lazer tradicionais “sobrevivem” em meio a tantas novidades. As diversões tradicionais tiveram de se reinventar diante da concorrência do novo, do moderno. Desse modo, é importante ressaltar as tensões e conflitos entre práticas e sociabilidades tradicionais e modernas, dando destaque àquelas que permaneceram nos hábitos e costumes teresinenses entre os anos de 1900 e 1930.

Nesses anos iniciais do século XX, várias são as sociabilidades que faziam parte do cotidiano teresinense, entre elas, aquelas vinculadas à religião, organização que possui forte influência sobre os hábitos da sociedade. E, quando se fala em festividades religiosas, referimo-nos àquelas vinculadas à Igreja Católica, principal organização religiosa de Teresina. Martha Abreu⁵ aponta que as sociabilidades de cunho religioso emergiram de um estudo de história cultural como um *locus* privilegiado para se pensar o exercício da religiosidade popular e suas múltiplas ações, trazendo à tona uma perspectiva que as coloca em uma dinâmica social construída através das relações de trocas e tensões sociais.

Desse modo, se entende como festividade religiosa as quermesses das igrejas, as procissões, as novenas e outros acontecimentos de cunho religioso que tiravam os teresinenses de suas labutas e rotinas cotidianas. Essas formas de lazer tradicionais vão se manter ativas durante todo o ano, mostrando a força da religião na vida das pessoas. Para Pedro Vilarinho, essas festividades em Teresina seguiam um calendário litúrgico:

No mês de janeiro, o principal festejo era o de Santa Inês, padroeira das filhas de Maria; no mês de março, a Semana Santa ganhava destaque com seus rituais e procissões; no final de abril e durante todo o mês de maio, acontecia a maior e mais prestigiada das festividades, que era o mês mariano, em junho e julho, as atenções voltavam-se para o Sagrado Coração de Jesus e, nos meses seguintes, para os festejos de São Benedito, Nossa Senhora das Dores e finalmente o Natal. Durante quase todos os meses do ano, havia alguma atividade extra a ser feita pelos fiéis [...].⁶

Mas nem só de festividades vivia a Igreja Católica. Entre o final do século XIX e início do século XX, a instituição passou por momentos delicados, ocasião em que presenciou o

⁵ ABREU, M. *Festas e cultura popular na formação do “povo brasileiro”*. São Paulo: Projeto História, 1998.

⁶ CASTELO BRANCO, P.V. *Mulheres plúrais: a condição feminina na primeira república*. Teresina: Edufpi, 2013, p. 43.

confronto entre o catolicismo ultramontano⁷ e o catolicismo tradicional⁸. Inicialmente, as devoções católicas eram promovidas em meio a festas e procissões religiosas organizadas por diversas irmandades leigas. Nesse contexto, foi que o ultramontanismo tentou substituir a realidade presente, completamente multifacetada, por uma nova, positiva e única. Negou o catolicismo tradicional vigente, de fortes raízes populares, estabelecendo a dicotomia entre o velho e o novo, o bom e o ruim. Acreditava-se na possibilidade de se gerar um homem novo, mais espiritualizado, introspectivo, separado de formas de crenças tradicionais, tidas como “atrasadas” e supersticiosas. Dessa forma, os ultramontanos viam-se como única fonte de verdade e salvação. Fora de seus quadros estavam a execração e a condenação. Aprisionados pelo maniqueísmo, o catolicismo tradicional era considerado uma ovelha desgarrada, cheia de imperfeições, que poderia ser reintegrada ao rebanho desde que despojada de seus antigos vícios.⁹

A partir das primeiras décadas do século XX, o catolicismo ultramontano ganha força em várias regiões do Brasil, inclusive em Teresina. As antigas manifestações de culto dirigidas e organizadas por leigos, nas confrarias e nas irmandades, com frágil intervenção clerical, não se adequavam ao novo contexto clerical. Dessa forma, o padre se torna o responsável por toda a dinâmica da espiritualidade e da política da Igreja, e sob a sua liderança é que deveriam, agora, se desenvolver as atividades realizadas pelos leigos.¹⁰ Assim, as práticas devocionais, que eram organizadas por leigos, começam a ser desqualificadas pelo clero ultramontano. Eles passaram a condenar os excessos cometidos durante as festas, tais como a dança, a bebida e os jogos. Esse processo, porém, se constitui em meio a tensões e conflitos, pois as antigas formas de devoção não aceitavam passivamente esse novo modelo de prática católica.

93

Festejo Mariano, Sagrado Coração de Jesus e Reisado

Nesse novo século, as festas configuravam acontecimentos de grande relevância na vivência dos habitantes da urbe. Marcadas principalmente pela ligação com o catolicismo,

⁷ Catolicismo autoritário, tridentino e romantizador. De raízes conservadoras, buscou uma consolidação doutrinária teológica, estruturou-se em torno de alguns princípios, como: rejeição à ciência, à filosofia e a condenação do capitalismo. O padre torna-se o responsável por toda a parte espiritual e política da Igreja, e sob a sua liderança é que se desenvolviam as antigas atividades reservadas aos leigos. Cf. GAETA, M.A.J.V. A cultura clerical e a folia popular. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 17, n. 34, 1997.

⁸ Catolicismo ligado às crenças populares, onde o sagrado e o profano se misturam. Eram dirigidas e organizadas por leigos, nas confrarias e nas irmandades, com frágil intervenção clerical. Danças, músicas, alardes, tambores, folias, máscaras, bandas, fogos eram representações emblemáticas do sagrado que eram consentidas e incentivadas pelo catolicismo tradicional, como privilegiadoras dos sinais visíveis da fé e da graça. Cf. GAETA, 1997.

⁹ GAETA, M.A.J.V. A cultura clerical e a folia popular. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 17, n. 34, 1997, p. 4.

¹⁰ GAETA, 1997, p. 4-5.

foram logo incorporadas ao calendário religioso. Representadas como manifestações socioculturais, têm sido redescobertas como um campo farto para a investigação histórica, revelando crenças e costumes, mas também redes de poder e disputas sociais.

A maior e mais movimentada sociabilidade tradicional teresinense acontecia em maio, era o chamado mês Mariano. Conforme a abordagem de Carlos Augusto Figueiredo, as festas aconteciam em forma de novenas, terminando com missa solene e grande procissão. Desse modo, com rezas, terços e devoções, Maria, mãe de Jesus, era reverenciada por grande número de fiéis. Eis a descrição do ano de 1917 de um dos cronistas do jornal *O Piauí* sobre esses festejos:

A primavera cristã vai começar: é o mês de Maio, consagrado a S. S^a Virgem, pelo mundo católico. A festa de Maio é a mais bela das festas primaveris e a mais duradoura. Não é uma festa de um só dia como a celebra o mundo profano; é um mês inteiro. É a melhor homenagem que se pode prestar à primavera, pedindo-lhe o que ela tem de mais delicado, a fragrância de suas numerosas flores para ir depositá-las aos pés da Virgem.¹¹

Nessa perspectiva, as sociabilidades religiosas configuravam possivelmente uma das poucas oportunidades de descanso, entretenimento, distração e alegria da maioria da população. Na linha argumentativa das reflexões de Pedro Vilarinho Castelo Branco¹², compreende-se que em uma cidade de poucos atrativos, como Teresina, onde o povo vivia à espera de algum acontecimento que o tirasse da sua labuta e rotina diária, a devoção e a busca de lazer acabavam por se confundir. O autor esclarece que o mês de maio era um momento de devoção a Maria, mãe de Jesus, mas também representava um período em que ocorriam encontros entre moças e rapazes, para conversar, para ouvir músicas animadas das orquestras no adro das igrejas, e esquecer um pouco os problemas cotidianos.

Com efeito, a festa do mês de maio era aguardada com entusiasmo pelos fiéis, que se confraternizavam de forma dinâmica, vivenciando a festividade de múltiplas maneiras. Augustin Wernet, ao tratar do assunto, relata que “as procissões e as festas religiosas quebravam a monotonia e a rotina diária, sendo, na maior parte das vezes, uma das poucas oportunidades para o povo se distrair e se divertir.”¹³

¹¹ MAIO na Igreja do Amparo. *O Piauí*, Teresina, ano 27, n. 78, p. 3, 19 de abr. de 1917.

¹² CASTELO BRANCO *Mulheres pluraís*: a condição feminina na primeira república. Teresina: EDUFPI, 2013, p. 44-45.

¹³ WERNET, A. *A igreja paulista no século XIX: a reforma de D. Antônio Joaquim de Melo (1851-1861)*. São Paulo: Ática, 1987, p. 24-25.

As festas envolviam as mais diferentes classes sociais, porém, ficava a cargo das mulheres da elite urbana a organização do mês mariano, no trabalho de ornamentar as igrejas, preparar os cânticos das missas e arrumar os enfeites para decorar as imagens e o altar:

Como nos anos anteriores, os festejos do mês de maio, na matriz da Igreja de Nossa Senhora do Amparo, este ano será feito com o maior brilhantismo possível, estando para isto nomeada a respectiva comissão de distintas senhoritas e respeitáveis senhoras do nosso meio social. Tradicionalmente querida da nossa família teresinense, a festividade do Mês Mariano, entre nós, é sempre esperada com muita alegria e, para revesti-la de toda solenidade, o povo católico da nossa capital saberá concorrer generosamente.¹⁴

É importante frisar que, nas festividades, a Igreja ensinava práticas instrutivas durante alguns dias da semana. Essa era uma maneira de difundir suas ideias e construir uma sociedade aos moldes de sua doutrina.¹⁵ Já do lado de fora do templo, as distintas senhoras e moças da sociedade organizavam barraquinhas que leiloavam prendas para arrecadar fundos para a Igreja. Os leilões eram os principais atrativos da festividade. Segundo Carlos Augusto Figueiredo, as doações eram feitas, da seguinte maneira:

Montavam-se, em torno da praça, no circuito mais externo, os currais ou chiqueiros para receber o gado – bois, cavalos, jumentos e as miúncas – bodes, porcos, patos e galinhas em qualidade. Se no circuito interno as barraquinhas de prendas eram o lado festivo, o externo representava, pelo seu volume, uma verdadeira “feira”, arrematando-se por preços acima do valor de mercado, as ofertas ao santo e à Igreja¹⁶.

De acordo com a descrição do cronista, cada noite de novena tinha o patrocínio de um grupo. Havia a noite dos comerciantes, das professoras, das senhoras casadas, das crianças e, sobretudo, a dos vaqueiros, por sinal, uma das mais divertidas e animadas, relatavam os periódicos. O privilégio conferido a essa festa estava no fato de a pecuária configurar uma atividade típica do Piauí. De toda a redondeza convergiam os vaqueiros, de várias gerações, velhos, moços e juvenzinhos, que se vestiam com suas melhores vestes de couro – aquelas de gala feita com pele de veado.¹⁷

Embora o desejo dos padres ultramontanos fosse de impor o controle e disciplina da população através de diversos mecanismos, inclusive no lazer, a população não vivenciava tudo isso de maneira passiva. Ela escrevia sua própria história, revelava sua maneira particular

¹⁴ MÊS de maio na Matriz do Amparo. *Piauí*, Teresina, ano 60, n. 87, 21 de abr. de 1927. p. 4.

¹⁵ MÊS de maio na Matriz do Amparo. *Piauí*, Teresina, ano 38, n. 87, 21 de abr. de 1926. p. 1.

¹⁶ MONTEIRO, C. A. de F. *Rua da Glória 3: no tempo dos revoltosos (1921-1934)*. v. 3. Rio de Janeiro: [s.n.], 1993, p. 288.

¹⁷ MONTEIRO, 1993, p. 288.

de viver nos espaços urbanos, sua religiosidade. Exemplo típico são as idas dos rapazes às festas profanas dos botequins após as novenas. Encontravam-se nesses locais, “onde a graça das prostitutas em moda cintilava até ao amanhecer, na desenvoltura e nos entusiasmos de uma embriaguez sem fim”.¹⁸

Outra comemoração que a Igreja Católica promovia era a festa do Sagrado Coração de Jesus, que geralmente acontecia entre os meses de junho e julho. Havia uma mobilização geral por parte da Igreja para a organização da festa, como descrito pela notícia do jornal *O Piauí*, referente à preparação da festividade ocorrida no ano de 1921:

No dia 17 do corrente mês começaram na Igreja Nossa Senhora do Amparo as novenas celebradas em honra do Sagrado Coração de Jesus, promovidas em honra do respectivo Apostolado, que tem desenvolvido muita atividade, a fim de lhes dar o maior brilho e pompa. O digno vigário da freguesia Monsenhor Menezes, zeloso e inteligente governador do bispado, contando com a dedicação do Apostolado de que é diretor, não poupa esforços no sentido de revestir a festa de toda a solenidade e brilhantismo religioso.¹⁹

Percebe-se assim um envolvimento de diversas autoridades eclesiásticas na organização da festa. Mas como já citado outrora, por trás das comemorações estava clara a intenção da base ultramontana da Igreja de afastar expressões autônomas populares e de difundir a disciplina e moral católica. Em 1921, novamente foi publicado no jornal *O Piauí* o sucesso do festejo, com a Igreja ornamentada, iluminada e dirigida por uma orquestra:

Com todo o esplendor, celebrou o Apostolado do Sagrado Coração de Jesus, da Catedral, a sua festa anual, constando de um tríduo e uma missa cantada. A festividade, que esteve aos cuidados das excelentíssimas zeladoras, e sob a direção do respectivo Diretor e virtuoso vigário Monsenhor Fernando Lopes, correu animadíssima, achando-se a Igreja lindamente ornamentada e com ótima iluminação. A orquestra foi dirigida pelo maestro tenente Cornélio Pinheiro, sendo todos os atos abrilhantados pela música do Batalhão Policial.²⁰

Os cronistas ligados ao lado mais conservador da Igreja, através da imprensa local, foram dando destaque às transformações nas sociabilidades religiosas, ressaltando quase sempre as características positivas das festas. Porém, essas sociabilidades devem ser interpretadas em suas tensões e não como algo pronto e acabado. Por isso, destacaremos

¹⁸ NEVES, A. *Um manicaca*. Teresina: Projeto Petrônio Portella, 1985, p. 23.

¹⁹ FESTA do Sagrado Coração de Jesus. *O Piauí*, Teresina, ano 32, n. 481, 26 jun. 1921, p. 1.

²⁰ JORNAL *O Piauí*, n. 487, 30 jun.1921, p. 2.

diversos conflitos e disputas pelo poder que permearam dentro do universo dessas sociabilidades teresinenses.

Certo é que as festividades religiosas representavam experiências de afeto e emoções, o rompimento com o ritmo monótono do cotidiano. Durante as festividades, o homem, por alguns instantes se esquece do trabalho, das obrigações e passa a viver em uma realidade à parte²¹. Diante de tal fato, as comemorações religiosas representavam, naquele momento, situações em que se poderiam construir redes de sociabilidades. O devoto não ia à igreja somente por motivos religiosos, mas para distrair-se, para passar o tempo.

Na compreensão de Abdias Neves²², a reunião atraía as pessoas que passeavam, apreciavam as vestes uns dos outros, tratavam de negócios, ouviam e dançavam ao som de músicas ensurdecadoras, soltavam fogos de artifícios e lançavam balões ao céu. Para além dos templos da igreja, havia outros espaços que pareciam fazer parte dela, tais como os cafés volantes, as bancas de jogos e os botequins. Dentre esses locais “profanos”, que eram uma extensão das novenas, Abdias Neves destaca o ambiente dos botequins:

[...] Entre copos de cerveja e baforadas de charuto, pregava-se a moral sem peias, altercava-se sobre a política, erguiam-se brindes ao governo e passavam-se descomposturas chués na gente da oposição. Até muito tarde ouvia-se o estrondo das rolhas saltando – para desespero de um vizinho que as contava curiosamente. E a cidade inteira, a cidade feminina, revoltava-se contra o escândalo, muitas vezes impotente para que os maridos se fossem embriagar nas delícias tentadoras do fruto proibido²³.

Ao assumir o Bispado do Piauí em 1906, D. Joaquim Antônio de Almeida iniciou um trabalho de fortalecimento das práticas católicas ultramontanas, ao tempo em que ia paulatinamente desqualificando, e mesmo proibindo, práticas que não condiziam com o novo padrão desejado. Dessa forma é que ocorrem alterações significativas nas festas religiosas, nas quais as manifestações externas do culto eram reprimidas, acabando com os botequins, os foguetes, os balões. As novenas passavam a ter, assim, ar mais solene e sóbrio, as procissões perdiam em colorido e folia e ganhavam em devoção e espiritualidade.²⁴

Essas medidas faziam parte de um projeto ultramontano, que tinha a intenção de erradicar os elementos “pagãos” e “regenerar” o mundo católico. Bebedeiras, vadiagens, jogos, danças, tambores, máscaras eram representações emblemáticas do sagrado, consentidas e incentivadas pelo catolicismo tradicional, mas que agora eram reprimidas pela

²¹ BERGER, P. *O rumor dos anjos*: sociedade moderna e a descoberta do sobrenatural. Petrópolis: Vozes, 1973.

²² NEVES, A. Notas. *Diário do Piauí*, Teresina, ano 3, n. 180, 10 ago. 1913. p. 2.

²³ NEVES, A. *Um manicaca*. Teresina: Projeto Petrônio Portella, 1985, p. 23.

²⁴ NEVES A. *Diário do Piauí*, n. 180, 10 ago. 1913, p. 2.

nova orientação ultramontana.²⁵ Quanto à forma de festejar essas sociabilidades, o cronista Tigellinus, do jornal *Diário do Piauí*, retratou a pluralidade de pensamentos nesse período:

Opina um, que a afluência de fieis, nos templos, em os últimos festejos religiosos aqui realizados, a despeito do abandono quase completo em que se viam aquelas solenidades, ou outrora, é a renascença das festas pagãs do catolicismo, praticadas com todos os recursos de que dispõe para impressionar os devotos. Opina outro que os templos nunca foram abandonados e que si “não havia músicas, foguetes, balões e bancas de jogos” etc. o povo lá estava, em fervorosa prece, num consocio de todas as classes, desde as humildes camadas sociais até o escol aristocrático.²⁶

De acordo com Luiz Beltrão²⁷, há um momento sagrado, em que as ações estão sob o controle da Igreja Católica, lá é onde ocorrem as missas, os sermões e a bênção; e outro momento profano do lado de fora do santuário, onde estão presentes as músicas, danças, brincadeiras, os botequins, jogos e foguetes. Desse modo, havia dentro do cenário teresinense duas posturas católicas claras com relação às vivências religiosas católicas.

Ao defender as festividades religiosas tradicionais com todos os seus apetrechos, o cronista Tigellinus, do *Diário do Piauí*, compartilha da opinião de que as reformas religiosas afastaram a população das formas de festejar os santos. Diz ele que: “[...] as festas religiosas, entre nós, precisamente as novenas, vão em decadência. Levantando esta, efeito da indiferença popular, mostra a ausência de fogos, fiéis etc. [...] revestindo-se as festas religiosas de uma absoluta simplicidade ao invés do tradicional brilhantismo”.²⁸

Ainda segundo Tigellinus, diante de tal medida, a Igreja viu a necessidade de se reinventar, de se adaptar ao meio social. As sociabilidades eclesiais seriam o ponto fulcral para as conquistas da juventude e das famílias. Na trilha desse pensamento, o cronista do *Diário do Piauí* explica:

[...] As manifestações externas, nas solenidades religiosas, não são renascença das festas pagãs do catolicismo. A religião, como um dos elementos componentes da civilização tem, como todas as coisas (seja qual for o meio de intromissão) ao chegar em uma zona qualquer, que se adapta ao meio, obedecer às suas conveniências, sofrer portanto grandes transformações. [...] Podemos concluir que não se trata aqui do renascimento do paganismo, nem das festas pagãs do catolicismo e sim uma perfeita adaptação ao meio²⁹.

²⁵ GAETA, 1997, p. 9.

²⁶ TIGELLINUS. De carreira. *Diário do Piauí*, Teresina, ano 3, n. 196, 31 ago. de 1913, p. 1.

²⁷ BELTRÃO, L. *Folccomunicação: a comunicação dos marginalizados*. São Paulo: Cortez, 1980.

²⁸ TIGELLINUS, *Diário do Piauí*, 1913, p. 2.

²⁹ TIGELLINUS, *Diário do Piauí*, 1913, p. 1.

Em suma, têm-se nas sociabilidades religiosas formas de lazer permeadas de conflitos e tensões. Nesse sentido, Mary Del Priori³⁰ caracteriza essas festas como um espaço de luta, controle e manutenção de hierarquias e privilégios. Deve-se observar, então, o caráter dinâmico de inovação e adaptação do catolicismo ao mundo moderno, no qual progressivamente, se incorporam as sociabilidades a elementos laicos, instituindo-se muitas vezes práticas populares nas celebrações cristãs. Isso não quer dizer que as diversões tinham vínculo com o profano, mas a adequação ao meio social se fez necessária, o que acabou aproximando as sociabilidades do capitalismo e dos padrões familiares burgueses. Porém, ressalte-se que essa adaptação não foi totalmente tranquila, teve de passar por um processo de resistência pela ala mais conservadora da Igreja.

O Reisado, também conhecido como Folia dos Reis e Festa dos Santos Reis, se encaixa perfeitamente nessa mistura de crenças populares vinculadas à instituição católica. A socióloga Alba Zaluar esclarece que a festa é um ato popular que procura rememorar a jornada dos reis magos Gaspar, Melchior e Baltasar a partir do momento em que eles recebem o aviso do nascimento de Cristo até o momento que o encontram. Logo, fazem parte do ciclo natalino. Na festa, o cortejo dos foliões desfila cantando, tanto no campo como nas cidades.³¹

Trazida pelos portugueses no início da colonização, o Reisado é festejado da seguinte forma: à frente do cortejo vem o bandeireiro carregando o estandarte, objeto sagrado da Companhia, representando os três reis magos diante do presépio de Belém. Logo atrás, estão os palhaços ou bastião, com suas roupas floridas e máscaras grotescas que mais se parecem com um “capacete”, dançando para animar o grupo. Por último, vêm dois cordões de músicos. Dessa maneira o cortejo se aproxima da casa, geralmente enfeitada de arco de bambu, e os donos da residência recebem a bandeira e rezam o terço. Depois da bênção dos “Santos Reis” os músicos “pedem uma esmola”, estabelecendo uma relação de reciprocidade entre os devotos e o sagrado. Contempladas as cantorias e a reza de finalização, acontece a confraternização, com comida para todos.³²

Explicada a forma como é desenvolvida a festividade, observam-se agora as vivências e memórias em torno do lazer. Várias sociabilidades tradicionais remanescente do século XIX passaram a sofrer concorrência de novas diversões do século XX. O Reisado é um exemplo. Antes, muito comemorado e festejado pelos teresinenses, começou aos poucos a

³⁰ DEL PRIORI, M. *Festas e utopias no Brasil colonial*. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 74.

³¹ ZALUAR, A. *Os homens de Deus: um estudo dos santos e das festas no cotidiano popular*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1983, p. 79.

³² ZALUAR, 1983, p. 78-79.

perder espaço, uma vez que o imaginário estava sendo preenchido com novas práticas de lazer. Importante observar o relato de dois cronistas em épocas distintas. O primeiro discorre sobre a festa em Teresina de 1906:

O Dr. Portella Parentes e outros cavalheiros tratam de realizar, entre nós, a entrada do próximo ano, a tradicional festa “Reisado”, diversão muito usada nos meios cultos. Tem essa agradável tentativa despertado muita simpatia, e, hoje, terão lugar a primeira reunião e o primeiro ensaio, que estavam marcados para a quinta-feira última³³.

O trecho acima remete à mobilização de um homem de elite aglutinando pessoas para efetivar os festejos de Reis. Para o cronista, a sociabilidade teve um momento nobre, o que nos faz lembrar de Câmara Cascudo³⁴, que considera o Reisado a denominação erudita para os grupos que cantam e dançam na véspera de Dia de Reis. Em 1925, outro cronista com o pseudônimo João da Serra teve impressões diferentes daquelas relatadas anteriormente:

E a falar em Reis, lembro-me das festas populares de nosso povo e que entre nós, onde a civilização vai penetrando e varrendo esses mofos do Brasil Colônia – como se isso nos desonrasse – vão perdendo o sonho de simplicidade que é toda a beleza da alma popular.³⁵

100

O Reisado abordado pelo referido cronista não se parece em nada com aquele lembrado pelo Dr. Portella Parentes, “uma diversão muito usada nos meios cultos”. O segundo cronista relata uma festa de caráter popular, que, diante do avanço moderno nas cidades, passa a ser combatida e tida como “atrasada” e antiquada. Nesse aspecto, se apresentam visões distintas sobre a essência da sociabilidade, o que nos leva a concluir que existe uma disputa por memórias, um embate entre aqueles que defendiam e procuravam resgatar as práticas de Reis, e aqueles que viam na sociabilidade formas incivilizadas de lazer e devoção na cidade.

Desse modo, o Reisado constitui um espaço privilegiado da memória, na qual estão presentes os elementos que devem ser transmitidos às futuras gerações, mas também aqueles que devem ser esquecidos. A forma como o Reisado é festejado atualmente teve influência de diferentes grupos ao longo do tempo, onde cada qual buscava relatar suas versões sobre a sociabilidade. De fato, é possível que, ao gerar um conjunto de ideias e representações ao

³³ REISADO. *Gazeta*, Teresina, ano 3, n. 77, 23 dez. 1906, p. 1.

³⁴ CASCUDO, L. C. *Dicionário do Folclore Brasileiro*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1962.

³⁵ JOÃO DA SERRA. Crônica do Dia. *O Piauí*, Teresina, ano 37, n. 3, 3 jan. 1925. p. 1.

passado, ao mundo da tradição, entendido como algo antagônico à “civilização” e ao “progresso”, construía-se também um repertório ideológico que justificaria o combate a essas práticas.

Conclusão

Em meio ao tradicionalismo e civilização, Teresina foi se constituindo como uma cidade plural. Os avanços modernos sinalizados no desenvolvimento tecnológico não eram os únicos a se fazerem presentes na urbe, a cidade devido sua baixa inserção ao mundo moderno, convivia com práticas ligadas a um mundo tradicional.

No plano das sociabilidades tradicionais, destacam-se àquelas ligadas à Igreja Católica, como os festejos Mariano, o Sagrado Coração de Jesus e o Reisado. Mediante a análise dessas sociabilidades, é possível deduzir que houve uma tentativa dos ultramontanos na moralização dos festejos católicos, que condenavam os excessos cometidos após as festas, a exemplo da dança, da bebida e dos jogos. Além disso, houve uma disputa por memórias, onde alguns cronistas colocavam o Reisado como sociabilidade “atrasada”, “primitivas”, impróprias para uma população de aspirações modernas, e outros remetiam, à uma festividade organizada e celebrada por um grupo de pessoas eruditas.

Com efeito, as sociabilidades religiosas configuravam uma das poucas oportunidades de descanso, entretenimento, distração e alegria da maioria da população. Muitas vezes a devoção e a busca por lazer acabaram por se confundir. O caráter dinâmico de inovação e adaptação das sociabilidades religiosas ao mundo moderno vão progressivamente incorporando às sociabilidades elementos leigos, instituindo muitas vezes práticas populares cristãs. Isso não quer dizer necessariamente que as diversões tenham vínculo com o profano, mas a adequação ao meio social se fez necessária, o que acabou aproximando as sociabilidades do capitalismo e dos padrões de famílias burguesas.

Referências

ABREU, M. *Festas e cultura popular na formação do “povo brasileiro”*. São Paulo: Projeto História, 1998.

BAECHLER, J. Grupos e sociabilidades. In: BOUDON, R. *Tratado de sociologia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2010. p. 73-83.

BELTRÃO, L. *Folkcomunicação: a comunicação dos marginalizados*. São Paulo: Cortez, 1980.

BERGER, P. *O rumor dos anjos: sociedade moderna e a descoberta do sobrenatural*. Petrópolis: Vozes, 1973.

CASCUDO, L. C. *Dicionário do Folclore Brasileiro*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1962.

CASTELO BRANCO *Mulheres plurais: a condição feminina na primeira república*. Teresina: EDUFPI, 2013, p. 44-45.

CASTELO BRANCO, P.V. *Mulheres plurais: a condição feminina na primeira república*. Teresina: Edufpi, 2013, p. 43.

DEL PRIORI, M. *Festas e utopias no Brasil colonial*. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 74.

ELIAS, N. *O processo civilizador: uma história dos costumes*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990, p. 23.

FESTA do Sagrado Coração de Jesus. *O Piauí*, Teresina, ano 32, n. 481, 26 jun. 1921, p. 1.

GAETA, M.A.J.V. A cultura clerical e a folia popular. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 17, n. 34, 1997.

JOÃO DA SERRA. Crônica do Dia. *O Piauí*, Teresina, ano 37, n. 3, 3 jan. 1925. p. 1.

JORNAL *O Piauí*, n. 487, 30 jun.1921, p. 2.

MAIO na Igreja do Amparo. *O Piauí*, Teresina, ano 27, n. 78, p. 3, 19 de abr. de 1917.

MÊS de maio na Matriz do Amparo. *Piauí*, Teresina, ano 38, n. 87, 21 de abr. de 1926. p. 1.

MÊS de maio na Matriz do Amparo. *Piauí*, Teresina, ano 60, n. 87, 21 de abr. de 1927. p. 4.

MONTEIRO, C. A. de F. *Rua da Glória 3: no tempo dos revoltosos (1921-1934)*. v. 3. Rio de Janeiro: [s.n.], 1993, p. 288.

NEVES A. *Diário do Piauí*, n. 180, 10 ago. 1913, p. 2.

NEVES, A. Notas. *Diário do Piauí*, Teresina, ano 3, n. 180, 10 ago. 1913. p. 2.

NEVES, A. *Um manicaca*. Teresina: Projeto Petrônio Portella, 1985, p. 23.

REISADO. *Gazeta*, Teresina, ano 3, n. 77, 23 dez. 1906, p. 1.

SILVA, K. V.; SILVA M. H. *Dicionário de Conceitos Históricos*. São Paulo: Contexto, 2006, p. 1.

TIGELLINUS. De carreira. *Diário do Piauí*, Teresina, ano 3, n. 196, 31 ago. de 1913, p. 1.

WERNET, A. *A igreja paulista no século XIX: a reforma de D. Antônio Joaquim de Melo (1851-1861)*. São Paulo: Ática, 1987, p. 24-25.

ZALUAR, A. *Os homens de Deus: um estudo dos santos e das festas no cotidiano popular*: Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1983, p. 79.